

## SONHOS E PUBLICIDADE: PERSPECTIVAS PARA O HOMO DIGITALIS

CARLOS MIGUEL DE NICOL BRUM<sup>1</sup>; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – miguel-brum@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – claummattos@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das discussões e pesquisas teórico-reflexivas realizadas no projeto de extensão “Photographein Vai à Escola”, criado em 2012, inserido âmbito das ações de extensão do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq). O projeto tem como propósito propiciar reflexões e discussões críticas de maneira lúdica e crítica acerca da leitura visual da realidade imediata e o consumo consciente de imagens a estudantes de escolas públicas do ensino fundamental dos municípios de Pelotas e Rio Grande.

Diante de diversas discussões ocorridas semanalmente no projeto, no ano de 2022, sentiu-se a necessidade de buscar por um arcabouço teórico que servisse de referência para abordagens pedagógicas sobre temas referentes às imagens, identidades e mídias digitais e suas repercussões na vida cotidiana das pessoas. Não somente, também existia a necessidade de um diálogo que facilitasse a aproximação do referencial teórico ao universo dos estudantes do ensino fundamental. Ou seja, autores atuais ou não, mas que dialoguem com a atualidade imposta pelo recente ecossistema tecnológico e seus recursos midiáticos, de informação e comunicação, no qual estamos inseridos.

Sendo assim, aqui busca-se apresentar alguns resultados de uma pesquisa de cunho bibliográfico que subsidiará a elaboração de materiais de suporte para futuras discussões e ações do projeto.

### 2. METODOLOGIA

Para contemplar os objetivos da proposta escolhemos analisar a letra/poesia da música “Primavera”, do rapper brasileiro Don L, com bases nas ideias do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han e suas teorias sobre a imagem e a facilitação de seu consumo através de smartphones. Além disso, o autor também analisa os impactos dessa realidade em nossa percepção sobre o mundo, tanto como indivíduos, assim como sociedade.

Partindo desse ponto, incinou-se a análise da música de uma maneira reflexiva e crítica. Para tanto, foram traçados paralelos entre os versos da música e alguns capítulos específicos do livro “No enxame: perspectivas do digital”, de Byung-Chul Han (2018): “Sem respeito”, “No enxame”, “O Hans Esperto”, “Fuga na imagem” e “Fantasmas digitais”. Através de tal procedimento foi possível destacar e explicar/esmiuçar as ideias que convergem entre ambas as fontes. Com intuito de agregar elementos visuais à proposta, foi agregado à reflexão o filme argentino “Medianeras” (TARETTO, 2011), pois sua história aborda as mesmas problemáticas pesquisadas.

O filme narra a história de dois personagens solitários que vivem em Buenos Aires, e que, embora morando próximo e frequentando os mesmos lugares, nunca tinham se encontrado. Ambos, a seu modo, tentam enfrentar as consequências da solidão e os dilemas impostos pela cultura digital e a própria arquitetura de um

grande centro urbano. Para enfrentar seus demônios interiores e fobias, os protagonistas Martin e Mariana utilizam a internet como forma de refúgio.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para contemplar os resultados iniciais angariados na pesquisa, destacamos a seleção de um trecho da música, quando o artista indaga “Que mundo errado é esse que nos separou de nós, eu nunca soube reparar as estações”. Tal preocupação nos possibilita problematizar a poesia com base nas discussões propostas Han sobre as inferências das tecnologias da informação e comunicação (TICs), em especial, as provocadas pelos smartphones e as mídias sociais sobre nossa psique.

Tangenciando uma resposta à preocupação apresentada por Don L, Byung-Chul Han aponta para a possibilidade dos smartphones funcionarem como uma nova versão do “Estágio do espelho”, atualizando um conceito apresentado pelo psicanalista francês Jacques Lacan:

Por causa da eficiência e da comodidade da comunicação digital, evitamos crescentemente o contato direto com pessoas reais, e mesmo o contato com o real como um todo. A mídia digital leva o contraposto [Gegenüber] real cada vez mais ao desaparecimento. Ela o registra como resistência. Desse modo, a comunicação digital se torna cada vez mais sem corpo e sem rosto. O digital submete a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico a uma reconstrução radical. Ele desconstrói o real e totaliza o imaginário. O smartphone funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone o outro não fala. (HAN, 2018, p. 17)

Esse “mundo” do verso pode ser interpretado como o dos smartphones e das mídias sociais servindo de espelho, algo que nega o contraposto, o próprio negativo, o “outro”. Isso, em prol de nos manter conectados aos aparelhos, alimentando os algoritmos para que nos mantenha mais e mais imersas e imersos em fantasias de pura positividade, conforto e despersonalização.

Se não conhecemos o externo, o mundo que nos rodeia, como podemos nos reconhecer? Se não experienciamos a negação, as diferenças e os processos de alteridade, como podemos nos construir como seres singulares?

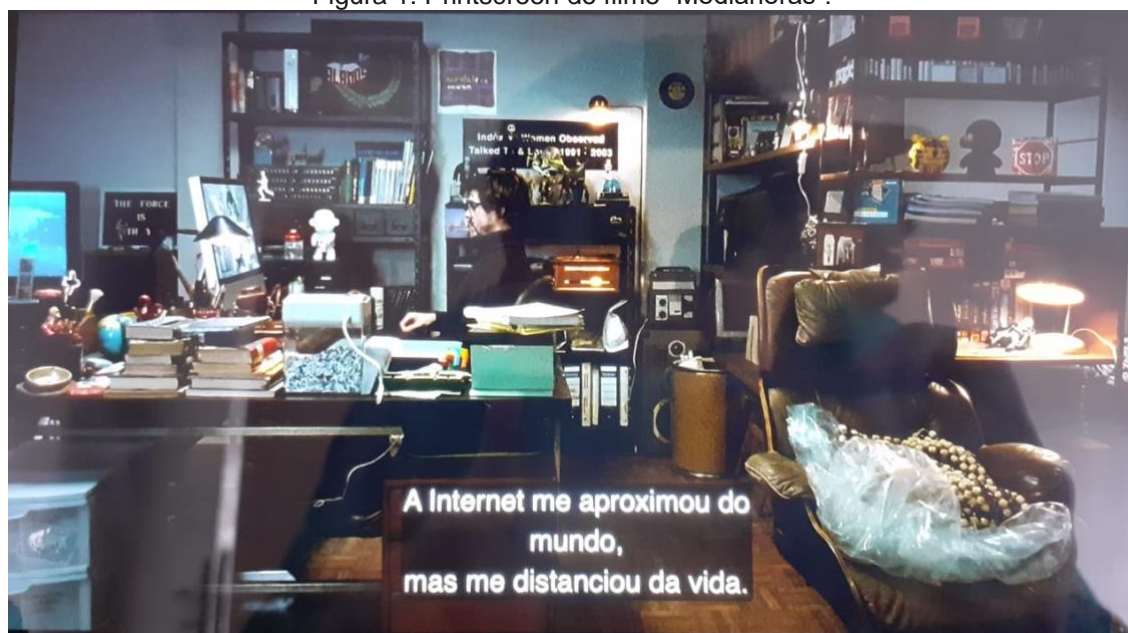
Ora, se não vivenciarmos o inverno, como podemos desfrutar da primavera, indagamos inspirados por Don L.

As convergências entre a canção e a base teórica consultada ganham formas visíveis, quando analisamos a obra fílmica de Taretto, o “Medianeras”. O protagonista Martin é um personagem que sofre de fobia social, buscando na virtualidade das relações uma saída para a solidão e uma salvaguarda para possíveis desilusões oferecidas pelos relacionamentos reais. Ele vive através da imagem que projeta no mundo virtual: faz compras, tem seu lazer, trabalha, estuda e até mantém relações sexuais de maneira digital, protegido em seu minúsculo apartamento.

A presença maciça da tecnologia e seus diferentes aparatos em nossas vidas é o mote principal do filme. E esse foco pode ser exemplificado numa cena do longa-metragem, apresentando através da fala de Martin um sintético diagnóstico

do viver em sociedade na contemporaneidade: “A internet me aproximou do mundo, mas me afastou da vida” (Figura 1).

Figura 1: Printscreen do filme “Medianeras”.



Fonte: Acervo do projeto “PhotoGraphein vai à Escola”.

#### 4. CONCLUSÕES

A problematização entre as discussões propostas por Han, a poesia musical de Don L e a obra fílmica de Taretto, nos apresentou um caminho possível de aproximar tais discussões dos escolares. É certo que não temos uma resposta certa para uma questão tão candente: como somos afetados pelo ecossistema tecnológico no qual estamos imersos? Porém, consideramos que tal problemática, complexa e atual, deve ser um tema prioritário nos processos pedagógicos centrados na arte/educação, em especial, no que se refere ao universo das imagens, seus meios de produção, apresentação e decodificação das mensagens.

A maioria dos aplicativos de *smartphone*, tal qual qualquer outra ferramenta digital, é dotada de inteligência baseada em algoritmos. Esses, têm por função básica o acúmulo de conhecimentos sobre as/os usuárias/os, para assim disparar estímulos positivos e evitar (ao máximo) os estímulos negativos. Assim, é possível manter as pessoas cativas nas plataformas que se beneficiam de seu tempo através de publicidade de terceiros. Entretanto, os estudos realizados confirmam, corroborado por Han, que através desse vácuo de negação, da não contraposição, do não questionamento frente às diferenças inerentes à espécie humana, o processo da elaboração da autoimagem, dos fundamentos identitários, se deterioram.

O projeto PhotoGraphein vai à Escola visa proporcionar um espaço para a discussão da fotografia como uma possibilidade de ver o cotidiano sob outra perspectiva, propondo o exercício do olhar crítico e a aproximação efetiva das pesquisas acadêmicas do contexto escolar. E assim, unimos a tecnologia, as imagens e reflexões críticas sobre o nosso entorno, na abordagem lúdica de importantes temas, propiciando o desenvolvimento de leituras visuais do mundo.

A importância que as imagens desempenham no cotidiano contemporâneo é indiscutível. Sendo assim, pretende-se suprir as demandas da escola em relação

ao consumo consciente destas imagens, viabilizando discussões facilitadoras da construção de um conhecimento teórico-prático em consonância com a realidade tecnológica e suas afetações, tendo na fotografia um recurso didático. Sobre tudo, é do nosso interesse problematizar os novos equipamentos e seus pressupostos, no entendimento da necessidade de consumidores/usuários críticos desses meios e seus direcionamentos algorítmicos.

Marshall McLuhan é um reconhecido pensador/filósofo das mídias, e a ele é atribuída uma afirmação “Os homens criam as ferramentas, e as ferramentas recriam os homens”. Até hoje não existe comprovação de que tal frase foi dita pelo autor, entretanto, ela nos parece muito pertinente à discussão proposta neste texto. Refletindo sobre a contemporaneidade, na qual o mundo digital, criado por nós, parece a cada dia nos reinventar, é difícil não identificar na máxima atribuída a McLuhan uma verdade assombrosa.

Pensemos cá com nossos botões: é realmente benéfico nos recriarmos de acordo com um ecossistema ainda tão incerto, nessa terra-de-ninguém que trepida sob a névoa de desígnios hesitantes?

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.cifraclub.com.br/don-l/primavera-part-giovani-cidreira-e-rael/letra/>  
HAN, B-C. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

### FILMOGRAFIA:

MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Argentina: 2011